

OXIGÊNIO

OUTUBRO 2022



NÚMERO 38



FRIDA KAHLO
A VIDA DE UM ÍCONE

EDITORIAL

"Para que preciso de pés quando tenho asas para voar?"

A frase de Frida Kahlo, umas das mais consagradas artistas do mundo, resume o quanto a arte tem a capacidade de transformar. No caso da pintora mexicana, foi a arte que a fez superar as dores que a vida lhe imprimiu, tornando-a uma das artistas mais influentes da história.

Frida transformou sentimentos dolorosos em arte, formas de autoexpressão em cura. A trajetória dessa extraordinária artista, símbolo de força e resiliência, mulher revolucionária e à frente de seu tempo, poderá ser vivenciada pelo público brasileiro a partir do dia 5, em Salvador, e depois em São Paulo, na mostra interativa *Frida Kahlo – A Vida de um Ícone*, matéria de capa desta edição.

Outro importante exemplo da arte como elemento transformador é a cidade de Margate, um balneário situado a pouco mais de uma hora de Londres, que nasceu após longo período em decadência, a partir de uma estratégia cultural bem-sucedida: artistas, músicos, designers, jovens criativos e criadores de tendência deixaram o leste londrino para viver na cidade litorânea eternizada nas pinturas de Turner.

A Galeria *Turner Contemporary* e o novo *TKE Studios*, de Tracey Emin, artista nascida e criada em Margate, que voltou a morar na cidade em 2017, são apenas dois exemplos de transformação do local que abriga expressivo número de novas instituições e projetos culturais, entre os quais o recém inaugurado *Fort Road Hotel*, que oferece uma experiência única baseada em design, arte, arquitetura e gastronomia. Hoje, Margate vive novos tempos gloriosos. O impacto na comunidade e na economia local é evidente.

Foto de capa: Divulgação – Exposição imersiva *"Frida Kahlo – A Vida de um Ícone"*

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Antonella Kann

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Saiba o seu lugar!* – Aos 70 anos, Chico Sant’Anna estreia monólogo semi-biográfico sobre racismo e violência sexual | *Gabriel só quer ser ele mesmo* – Musical infantil conta a emocionante história de um menino que ama dançar e defende suas liberdades de escolha dentro da escola | *Peter Pan* em Brasília – Uma viagem inesquecível para a Terra do Nunca no Teatro da Caesb | Na EAV Parque Laje, *Jornadas de Outubro* – *Como brinca disso?*

12

MATÉRIA DE CAPA: Exposição imersiva *“Frida Kahlo – A Vida de um Ícone”*

18

TURISMO: Boipeba, para quem enxerga além do ritmo pacato da maré

23

OSGEMEOS: Nossos Segredos

29

Em São Paulo a *“Arte em Pernambuco”*, um panorama da arte pernambucana nos séculos XIX e XX será exibido nos dois andares da Arte132 Galeria a partir do dia 8

32

Jeane Terra – Territórios, Rupturas e suas Memórias

36

Mundo Zira – Ziraldo Interativo

39

“Renoir – A Beleza Permanece” – Espetáculo estreia dia 7 no Teatro do Masp

42

Dias Gomes e as relações de poder – Em comemoração ao centenário do escritor e dramaturgo, a Editora Bertrand relança *As primícias*

43

Festival do Rio, o maior Festival de Cinema da América Latina

45

Quinteto Liliane Secco de Piano e Cordas – Primeiras apresentações no Rio de Janeiro e em Niterói com entrada gratuita

47

DIRETO DE LONDRES: Margate, Inglaterra – O protagonismo da arte no renascimento do balneário eternizado nas pinturas de Turner



Foto: Alexandre Magno

SAIBA O SEU LUGAR!

Aos 70 anos,
Chico Sant'Anna
estreia monólogo
semi-biográfico
sobre racismo
e violência sexual

Espectáculo escancara com delicadeza os traumas que homens e mulheres pretos carregam no Brasil. Peça estreia dia 6 no Teatro Pequeno Ato, SP

O ator Chico Sant'Anna viveu na pele e calado o que muitos pretos passaram e continuam passando no Brasil: a discriminação racial falada, mas também aquela que não usa as palavras para machucar. Para celebrar seus 40 anos de carreira e os 10 anos da *Cia Plágio de Teatro*, da qual faz parte, o premiado ator brasileiro resolveu dar voz a essa angústia. No espetáculo *Saiba o seu lugar!*, ele explora com delicadeza as marcas que o racismo, a violência psicológica e sexual e a exclusão social deixam na vida de milhares de pessoas.

Com dramaturgia do argentino Santiago Serrano e direção de Sérgio Sartório, a peça estreou em Brasília, em 2019. Acrescida de novos relatos, agora desembarca em São Paulo, no Teatro Pequeno Ato, onde ficará em cartaz de 6 a 30 de outubro, com sessões de quinta a domingo. O espetáculo sobre um cidadão aparentemente comum, que despe suas memórias e traumas na frente do público, marca a estreia do ator no formato de monólogo.

Saiba o seu lugar! acompanha o personagem 'Dinho dos Santos', um senhor com quase 70 anos que de dentro de um quartinho nos fundos de sua casa decide contar sua história. Negro, cercado por brancos, nascido em uma cidade pequena do interior de Minas Gerais, em uma família pobre, ele se vê constantemente tolhido pela frase que começou ouvindo de sua mãe, mas encontrou por diversas vezes na sociedade: *"você precisa saber o seu lugar"*. Dinho começa contando a história de sua infância sofrida, sem recursos, que encontra desde muito cedo a violência.

Cena após cena, ele revela as experiências que contribuíram para formá-lo enquanto homem e cidadão. Com um texto potente e sensível, o personagem consegue dar voz à realidade brasileira. *"Eu sou um homem negro que já viveu todo tipo de preconceito, violência social, racial e doméstica. E eu queria falar sobre isso. Algumas experiências desse texto realmente são minhas, mas há também histórias de muitas outras pessoas. Antes de conceber o espetáculo, me lembrei de uma entrevista do Djavan, onde ele dizia que a característica que menos gostava em si mesmo era a timidez,*



Foto: Alexandre Magno

um sentimento das pessoas da raça negra criadas em ambientes menos privilegiados. Ele revelou que sempre ouvia 'você deve procurar seu lugar, você não pode estar aqui porque você é preto'. Então eu pensei que se até Djavan, sendo o gênio que é, enfrentou esse tipo de problema (que eu sempre tive), essa era uma questão sobre a qual eu deveria falar", conta o ator.

ESTREIA COM NOVIDADE

A história completamente contemporânea surgiu a partir de um texto clássico: *O Canto do Cisne*, de Tchekhov. Ele acompanha um ator cômico que está em decadência no fim de sua carreira. Chico se encantou pela estrutura montada na peça, em que este personagem narra e interpreta pequenos contos de sua trajetória.



Foto: Alexandre Magno

Inspirado nessa narrativa, o ator, o diretor e o dramaturgo argentino começaram a trabalhar na versão que fariam. Após muitas conversas entre a equipe, e diante do desejo de Chico de colocar questões raciais nos palcos, eles chegaram à ideia deste personagem que une a estrutura de Tchekhov à vivência brasileira e conta, já na velhice, episódios de seu passado.

“Chico está mais vital e criativo do que nunca, e começou a escrever as memórias de sua infância em uma cidade do interior de São Paulo. A partir desses textos, desenvolvi meu trabalho dando-lhes estrutura teatral”, conta Santiago Serrano, que já escreveu outras três peças para a companhia: *Noctiluzes*, encenada de 2014, *A Autópsia de um Beija-Flor*, em 2016 e *Atrás das Paredes*, em 2019.

Sartório e Chico passaram oito meses trabalhando no roteiro da peça a fim de encontrar formas de dramatizar as cenas contadas pelo personagem. *“A marca da companhia é trabalhar com atuações marcantes, então começamos a separar os momentos que achávamos que deveriam ser narrados e os que tinham que ser recriados em cena. Nosso desafio era fazer isso de maneira comovente. Construimos o espetáculo com um começo narrado e um final bastante encenado. E isso traz cenas*

muito fortes, inclusive uma em que o Chico precisa dar vida a dois personagens. E ele faz isso com maestria”, explica o diretor.

O ator e o diretor reformularam o texto durante a pandemia e adicionaram mais contos de caráter autobiográfico. Chico diz que reler texto durante os últimos dois anos, quando a situação do brasileiro piorou consideravelmente, renovou seu desejo de reviver o personagem. E ele espera que a peça encoraje as pessoas que sofrem violência a denunciar seus algozes.

A música é um componente especial do espetáculo. Ela faz parte da história de “Dinho dos Santos” porque seu quarto de discos é também seu lugar seguro, onde ele pode ser quem é e se deixar absorver pelas letras e melodias. Também neste ponto o ator e o personagem se encontram, pois Chico tem uma grande coleção de vinis. Com canções que passam por um clássico de guerra de Tchaikovsky (*Abertura 1812*) ao rock revolucionário dos Beatles, a trilha sonora foi toda escolhida pelo ator.

SERVIÇO

Espectáculo Saiba o seu lugar!

Teatro Pequeno Ato – Rua Doutor Teodoro Baima, 78, Vila Buarque, São Paulo/SP – Tel.: (11) 99642-8350

Estreia dia 6 de outubro de 2022

Temporada: de 6 a 30 de outubro

Quintas e sextas, às 21h | Sábados às 18h e 21h

Domingos às 18h – Aos domingos, a sessão terá intérprete de libras e programas em braille.

Duração: 55 minutos

Classificação etária: 14 anos

Bilheteria aberta com uma hora de antecedência.

“GABRIEL SÓ QUER SER ELE MESMO”

Musical infantil conta a emocionante história de um menino que ama dançar e defende suas liberdades de escolha dentro da escola. O espetáculo, no Teatro da Gávea (RJ), terá somente três apresentações: 1º, 2 e 12 de outubro



Gabriel é um menino de oito anos que gosta de dançar, além de jogar futebol e tocar rock. Mas, na escola onde estuda, não querem que ele faça aula de dança porque ele é menino! O garoto vai desistir de fazer o que gosta?

A peça leva à cena uma história que, com leveza e humor, questiona as diferenças na educação de meninos e meninas e as expectativas de pais e professores em relação às crianças. O musical, que fez temporadas no Sesc Tijuca e no Petra Gold, marca a primeira parceria de Renata Mizrahi com o produtor Bruno Mariozz, que há quatro anos desenvolve um trabalho teatral voltado para o diálogo entre adultos e crianças, com temas profundos e sem subestimar a lógica infantil.

A trama tem início no aniversário de nove anos de Gabriel (Paulo Verlings), quando o garoto expõe o medo de que ninguém apareça na sua festa devido aos inúmeros questionamentos feitos durante o ano na escola. A história, então, é contada em flashback, mostrando momentos em que tentaram impor a ele comportamentos baseados em estereótipos de gênero.

O texto é de Renata Mizrahi, que assina a direção com Priscila Vidca. A autora conta que a ideia de escrever a peça surgiu depois que ela assistiu ao documentário americano *“The Mask You Live In”*. Segundo o filme, desde a infância os garotos começam a brigar se alguém lhes diz *“Quem aqui é a mulherzinha?”*, demonstrando como o não reconhecimento da sua masculinidade parece torná-los fracos e *“meninhas”*.

– Isso tem início nos primeiros anos e se arrasta por toda a vida – lamenta Renata. – A hipermasculinização e hiperfeminilização se impõem às crianças desde o começo da vida. Até os brinquedos que são destinados para um ou para o outro são reflexos de uma tentativa de simplificar o mundo baseado em estereótipos de

gênero, cuja origem não passa de mera construção social. Com este espetáculo, quero provocar a reflexão sobre educação infantil, sobre o quanto deixamos as crianças serem quem são, ou se estamos oprimindo a partir de uma conduta social automatizada – completa a autora.

O espetáculo, que ganhou primeiro lugar no edital da Eletrobrás, conta com a direção musical de Marcelo Rezende. O cenário de Mina Quental foi idealizado em cima de cubos coloridos e de acessórios que simbolizam as mudanças de ambientes como o apartamento de Gabriel, a sala de aula e o pátio da escola. Também fazem parte da equipe criativa Ana Luzia Molinari (iluminação) e Flávio Souza (figurino).

As músicas originais, criadas por Renata e Marcelo Rezende, são interpretadas pelos atores que, além de cantar, tocam instrumentos como violão, pandeiro, kazoo, escaleta, tambor grave, castanholas, agogô de côco, chocalho pequeno, ukulele e triângulo. No elenco, estão Paulo Verlings, Aline Carrocino, Marcos França, Nathália Colón, Udyllê Procópio e Clara Santhana/Paula Cavalcanti, que vivem diferentes personagens.

SERVIÇO

Espetáculo ***Gabriel só quer ser ele mesmo***

Temporada: 1º, 2 e 12 de outubro

Teatro dos Quatro – Shopping da Gávea

R. Marquês de São Vicente, 52 - Gávea, RJ

Tel.: (21) 2239-1095

Dias e horários: Dias 1º e 2 de outubro (sábado e domingo), às 16h;

Sessão extra dia 12 de outubro (quarta-feira), às 16h.

Ingressos: R\$ 70 reais R\$ 35 reais (meia-entrada). Vendas pelo Sympla:

<https://bileto.sympla.com.br/event/75631>

Lotação: 400 pessoas

Duração: 50 minutos | Classificação: Livre



Foto: Divulgação

PETER PAN EM BRASÍLIA

Uma viagem inesquecível para a Terra do Nunca, no Teatro da Caesb. O espetáculo de ballet clássico é O 7º realizado pela *Botelho Escola de Dança*

Nos dias 15 e 16 de outubro, o público vai viajar na bela história de Peter Pan, o garoto que não queria crescer. Com sua amiga Sininho, o menino mágico acaba conhecendo Wendy e suas irmãs, e juntos vão embarcar para a Terra do Nunca, onde vivem grandes e especias aventuras. Lá encontram sereias, guardiãs da floresta, fadas, uma tribo indígena que tem como líder a talentosa Tigrinha, animais estranhos e a tão temível Capitã Gancho, com sua terrível tripulação, que por acaso tem um pouquinho de medo das mini crocodilos que rondam a região.

Enquanto Wendy e suas irmãs exploram a Terra do Nunca junto com Peter Pan, Gancho sequestra a Tigrinha e bola um plano para envenenar o garoto e capturar as irmãs Darling, o que acaba acontecendo.

Mas Sininho, a grande companheira de Peter Pan, se sacrifica por ele, e graças à magia das fadas da Terra do Nunca, volta à vida. Assim, todos partem para o resgate. O final dessa batalha é cheio de emoções e beleza.

SERVIÇO

Espectáculo *Peter Pan*

Teatro da Caesb (Águas Claras)

Teatro da Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal - Águas Claras, Brasília - DF, 70297-400

Sessão 01 – 15 de Outubro (sábado) – 20 horas

Sessão 02 – 16 DE Outubro (domingo) – 17 horas

Ingressos: <https://www.sympla.com.br/evento/espetaculo-peter-pan/1720454>



Foto: Divulgação

JORNADAS DE OUTUBRO: *COMO BRINCA DISSO?*

A EAV Parque Lage realiza, entre os dias 1º e 29 de outubro, a 7ª edição das Jornadas de Outubro: Como brinca disso?, estendendo a comemoração do Dia das Crianças durante todo o mês. Atividades gratuitas incluem espetáculos culturais, intervenções na floresta, oficinas de brinquedos e imersão musical

“Como brinca disso?” – tema que orienta a edição de 2022 das Jornadas – é uma provocação para refletirmos sobre o brincar e suas potências na arte e na educação. As atividades propostas buscam construir um espaço plural de criação, aprendizagem e experimentação. A partir de oficinas, apresentações culturais, ativações artísticas, falas públicas e vídeos para todas as idades, as Jornadas questionam como o brincar pode nos ensinar.

O *parquinho lage* é o núcleo pedagógico da EAV que acontece com e para as crianças, investigando o que uma escola de arte pode aprender com elas. O tema *“Como brinca disso?”* reafirma a potência revolucionária de uma escola de arte que partilha, aprende e cria saberes junto às crianças.

A partir dos processos pedagógicos e artísticos que serão desenvolvidos ao longo do mês de outubro, uma exposição ocupará os espaços do palacete e do parque. Os cavaletes da EAV vão exibir os resultados das oficinas gratuitas realizadas durante a programação das Jornadas. Em paralelo, os artistas André Vargas e Sallisa Rosa foram convidados a propor ativações a partir de práticas que dialogam com as infâncias desde a intersecção entre arte e educação.

A realização das *Jornadas de Outubro: Como brinca disso?* foi viabilizada pelo apoio do Instituto Cultural Vale, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

SERVIÇO

Jornadas de Outubro | EAV Parque Lage

De 1º a 29 de outubro de 2022

Reserva para atividades:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1F>

Local: Escola de Arte Visuais do Parque Lage

Rua Jardim Botânico, 414, Rio de Janeiro, RJ

Website: <http://eavparquelage.rj.gov.br/>

Instagram: [@parquelage](https://www.instagram.com/parquelage)

Whatsapp:

(21) 99228-7955 - Secretaria 1

(21) 96654-3179 - Secretaria 2





Foto: Divulgação

Exposição Imersiva que mostra a trajetória de uma das maiores artistas de todos os tempos chega ao Brasil depois de temporada de sucesso em Barcelona

FRIDA KAHLO – A VIDA DE UM ÍCONE

Mostra estreia dia 5 em Salvador e chegará a São Paulo em 2023

"Para que preciso de pés quando tenho asas para voar?"

Assim falou a pintora mexicana Frida Kahlo, uma das artistas mais influentes da história. Sua obra transcendeu a dolorosa e trágica existência, atravessou o tempo e a transformou em símbolo de força e resiliência, uma mulher revolucionária, à frente de seu tempo.

Frida transformou sentimentos dolorosos em arte, formas de autoexpressão em cura. Sua figura marcante, legado artístico, declarações e as bandeiras e causas que defendeu na vida e na arte fizeram com que seu nome e obra chegassem a toda parte.

Com patrocínio do Salvador Shopping, a capital baiana é a primeira cidade do país a receber a mostra internacional, *Frida Kahlo – A Vida de um Ícone*, a maior exposição imersiva criada em torno da vida e obra da mexicana Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, popularmente conhecida como Frida Kahlo.

Assim como o México, a Bahia – terra tão cheia de personalidade, cores e sabores marcantes com fortes traços culturais de história, folclore e religiosidade – é o ponto de chegada da exposição que em janeiro seguirá para São Paulo e depois em turnê pelo Brasil.

Foto: Divulgação





Foto: Divulgação

Frida Kahlo – The Art of an Icon foi criada na Espanha pelas mãos da *Frida Kahlo Corporation* e da empresa *Layers of Reality*. Após um sucesso sem precedentes em Barcelona, a exposição percorre o mundo, visitando Europa, América do Norte e América Latina.

No Brasil, a realização leva a assinatura da *Blast Entertainment*, empresa do grupo *DC SET*, responsável pelo sucesso das experiências *Beyond Van Gogh* e *Van Gogh Live 8K*, as maiores mostras do gênero já realizadas no país. Esta é uma co-produção com a empresa norte-americana *Primo Entertainment*.

“*Frida Kahlo – A vida de um Ícone*”, ficará em cartaz no Salvador Shopping entre os dias 5 de outubro e 4 de dezembro; ingressos estão disponíveis em eventim.com.br.

A EXPOSIÇÃO

“FRIDA KAHLO – A VIDA DE UM ÍCONE”

A mostra se apresenta como uma biografia imersiva, que propõe uma jornada interativa através de 10 ambientes para contar a vida e apresentar a obra da pintora sem a necessidade de apresentar fisicamente suas obras originais.

A proposta inovadora explora a biografia da artista por meio de coleções de fotografias históricas, filmes, ambientes digitais, instalações artísticas, itens de colecionador, além de música original-



Foto: Divulgação

mente criada para reproduzir os momentos mais relevantes da vida da artista, convidando os visitantes a descobrirem a incrível história por trás do mito.

Dentro de um espaço especialmente construído em uma área de 2.000 metros quadrados, em cerca de 90 minutos o visitante pode percorrer diferentes espaços que simbolizam e recriam fatos marcantes da vida da artista como *“O Instante”*, holografia que reproduz o acidente de bonde que marcou sua vida para sempre com consequências irreversíveis. Outro destaque é *“O Sonho”*, uma instalação que tenta reproduzir a imaginação e sentimentos de Frida durante a sua recuperação na cama, lugar onde criou grande parte de suas obras. A arte faz referência ao ciclo da vida da artista, nascimento e morte, saúde e doença.

O ponto alto da exposição está no salão principal: uma espetacular viagem sensorial em 1000 metros quadrados de telas projetáveis pelo *“Universo de Frida”*, onde o expectador se mistura às obras enquanto se entrega à profusão de cores e movimento.

Em outro salão, o público tem contato com imagens da infância e da adolescência da pintora, entendendo o contexto histórico e biográfico que moldou a personalidade da mulher que se transformou em ícone mundial.

A interatividade também está presente na experiência *“Cadave Exquis”*, em realidade virtual, inspirada nas obras de Frida, exploram seu imaginário particular. A *Cabine Fotográfica* é outra importante atração: com tecnologia capaz de identificar os rostos, cria retratos únicos, a partir das características de cada um, utilizando técnicas de colagem.

O México, exuberante em costumes e folclore tão presentes na obra da artista, é lembrado em ambientes cenografados, como o altar dedicado ao dia dos mortos e a sessão que recria roupas de Frida.

Quem quiser soltar a imaginação e fazer desenhos para deixar sua marca, a sala *“La Rosita”* reproduz o ambiente onde Frida dava aulas de pintura. E uma loja repleta de itens estampados com obras e imagens da

pintora, além de livros e souvenirs, estará à disposição dos aficionados.

FRIDA KAHLO, UMA BIOGRAFIA

Frida Kahlo (1907-1954) foi uma das mais importantes pintoras mexicanas, conhecida por seus autorretratos de inspiração surrealista e também por suas fotografias. Sua obra ganhou enorme notoriedade sendo aclamada mundialmente como uma das mais ricas expressões artísticas da América Latina.



Foto: Divulgação

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón nasceu na vila de Coyoacán, no México, em 6 de julho de 1907, filha de pai alemão e mãe espanhola; desde pequena, teve saúde debilitada. Com seis anos contraiu po-

liomielite que lhe deixou uma seqüela no pé. Com 18 anos, sofreu um grave acidente de ônibus que a deixou um longo período no hospital.

Apesar de deprimida e incapacitada de andar, Frida passou a pintar sua imagem, com um espelho pendurado na sua frente e um cavalete adaptado para que pudesse pintar deitada. Dizia: *“Para que preciso de pés quando tenho asas para voar”*. Sua primeira pintura foi *“Autorretrato em um Vestido de Veludo”*, dedicado a Alejandro Gómez Arias, seu ex-noivo.

Recuperada, Frida foi estudar desenho e modelagem na Escola Nacional Preparatória do Distrito Federal do México. Em 1928, filiou-se ao Partido Comunista Mexicano, onde conheceu Diego Rivera, um dos mais importantes pintores do “Muralismo Mexicano”.

Em 1929, com 22 anos, Frida Kahlo casa-se com o Diego Rivera e o casal e vai morar na “Casa Azul”, onde Frida nasceu. Em 1930, Frida engravida, mas sofre um aborto espontâneo. Nesse mesmo ano, foi com o marido para os Estados Unidos, onde ele realizava exposições. Um outro aborto a faz pintar um grande número de autorretratos – de inspiração surrealista, apesar de negar dizendo: *“Nunca pintei sonhos e sim minha própria realidade”*. Ficou nos Estados Unidos até 1934.

Ao retornar para o México, a artista sofre mais um aborto. Nessa época, tem os dedos do pé direito amputados. Em 1935, Frida e Rivera se separam e Rivera se relaciona com a irmã de Frida, Cristina. Logo depois, Frida e Rivera voltam a viver juntos. Em 1936, Frida



Foto: Divulgação

passa por nova cirurgia no pé e, mesmo debilitada, continua pintando.

Em 1937, Frida conhece Leon Trotski, que se refugiou em sua casa em Coyoacán, junto com sua esposa Natália Sedova. Em 1939, Frida e Rivera se separam definitivamente, ocasião em que ela declarou ao ex-marido: *“Houve dois grandes acidentes na minha vida: o ônibus e você. Você sem dúvida foi o pior deles”*. Em 1939, Frida expõe sua obra com enorme sucesso em Nova Iorque e em Paris. Nessa época, entra em contato com Pablo Picasso e Wassily Kandinsky. O Museu do Louvre adquire um de seus autorretratos.

Apesar de passar por diversas cirurgias e usar um colete de gesso em consequência do acidente, Frida não para de pintar. Sua obra recebia influência da arte indígena mexicana. Pintava paisagens mortas e cenas imaginárias. Usava cores fortes e vivas, explorando principalmente os autorretratos. Frida Kahlo era também aficionada por fotografia, hábito que herdou de seu pai e do seu avô materno, ambos fotógrafos profissionais.

Frida Kahlo lecionou artes na *Escola Nacional de Pintura e Escultura*, recém fundada na cidade do México. Foi uma defensora dos direitos das mulheres, tornan-

do-se um símbolo do feminismo. Em agosto de 1953, Frida tem uma perna amputada na altura do joelho devido a uma gangrena. Com esse sofrimento, escreveu em seu diário: *“Amputaram-me a perna há seis meses, deram-me séculos de tortura e há momentos em que quase perco a razão. Continuo querendo me matar”*.

Deprimida, viveu os últimos anos de sua vida na Casa Azul, no México, que em 1958 passou a abrigar um museu em homenagem à pintora. Frida Kahlo faleceu em Coyoacán, no México, no dia 13 de julho de 1954 e sua obra – 143 quadros, sendo 55 autorretratos – se espalhou por todos os países, sendo atualmente uma das artistas mais aclamadas do mundo.

SERVIÇO

Exposição Frida Kahlo – A Vida de um Ícone

Salvador Shopping, Salvador / BA – Avenida Tancredo Neves, 3133 – Caminho das Árvores, Salvador, BA

De 05/10 a 04/12 – Horários: Segunda a sábado, das 10h às 21h | Domingo das 10h às 20h

Ingressos: Semana Diurna: R\$ 60,00 | Semana Noturna (seg a qui): R\$ 75,00 | Fim de Semana (sex a dom): R\$ 100,00
VIP Experience: R\$ 150,00

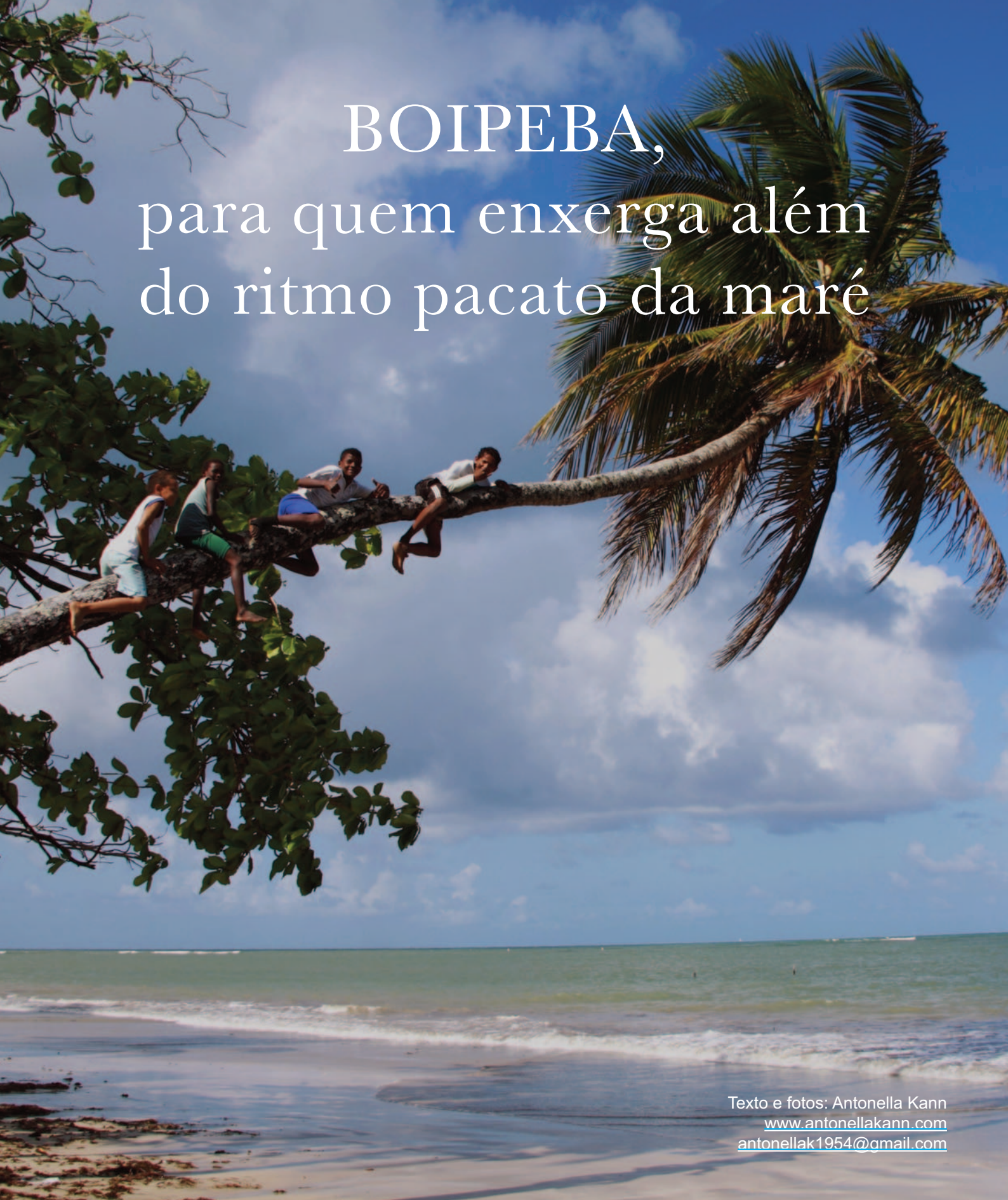
Obs.: Segunda a quinta diurna: das 10h às 17h40

Segunda a quinta noturna: a partir das 18h às 21h

Sexta, sábado e domingo: O valor é único, o dia inteiro, sem divisão por turno – Canais e link de venda:

fridakahlosalvador.com.br e eventim.com.br

Vídeo: <https://youtu.be/HSBou9g00H4>

A tropical beach scene with a large palm tree leaning over the water. Four children are climbing and sitting on the trunk of the palm tree. The sky is blue with scattered white clouds. The ocean is greenish-blue with white waves breaking on the sandy beach.

BOIPEBA, para quem enxerga além do ritmo pacato da maré

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Antes mesmo do ano findar, é esperto quem planeja com muita antecedência suas férias de Natal ou Reveillon, principalmente se o destino for a Bahia. Mais ainda se esse destino não é “qualquer lugar”, mas um oásis quase intocado

Boipeba não fica na esquina. Ademais, não chega nada direto nesta ilha baiana, mesmo que em tese esteja a apenas 30 minutos de voo do aeroporto de Salvador – encadeado por uma travessia de barco e caminhada. É o destino perfeito para os puristas, em busca de um lugar ao sol que ainda conserva uma aura de anonimato, pois os percalços desencorajam os viajantes mais acomodados.

Sem dúvida, é preciso determinação para alcançar este povoado feérico onde a presença de qualquer veículo motorizado sempre foi banida. Ali vivem pouco mais de três mil moradores, espalhados em casinhas de pescadores coloridas e cercados, por um lado pela barra de um rio que atende pelo sugestivo nome de *Inferno*, e por outro pelas águas pacíficas do mar aberto, cuja tonalidade se modifica conforme os caprichos da maré oscilante. As praias, aliás, variam de dimensão de acordo com a ganância das ondas.

Burricos e cavalos, puxando carroças, se deslocam com naturalidade pelas ruas, a maioria de areia. Nada de automóvel ou moto: com rodas, só mesmo bicicletas e as carretinhas de reboque,



Vista da pousada Mangabeiras sobre praias Cueiro e Murerê

Vistas sobre a entrada da barra de Boipeba





puxadas à mão, que servem inclusive para levar a sua bagagem até as pousadas situadas nas cercanias do porto.

Para sacudir a inércia, basta pairar sobre as areias mornas, caminhar entre os coqueirais, nadar ou praticar esportes rústicos, como passeios a cavalo ou a bordo de uma embarcação local que circunda a ilha em busca de lugares aprazíveis para o mergulho. Depois, é só sombra e água de coco. Ou quase... na verdade, só colocando os pés na areia, literalmente, que é possível desvendar aos poucos os segredos desta minúscula ilha, tão atrelada aos costumes antigos que muitos atributos da civilização têm dificuldade para se infiltrar – o sinal de celular é precário, nada de jornal diário e nenhum jet ski ou quadriciclo para alugar. E, fora uma

jardineira puxada a trator, cumprindo o papel de único transporte público terrestre entre a idílica vila de Morerê e Boipeba, só tem um jeito: você gasta mesmo é a sola das havaianas.

O dia em Boipeba sempre começa cedo, e depois é preciso sacudir a preguiça (extremamente contagiante, na Bahia) para não passar o dia aboletado na rede ou largateando ao sol na praia ou deitado nas espreguiçadeiras da piscina – caso a sua pousada tenha uma.

Não desvenda a beleza da ilha quem não enfrenta a caminhada até a bucólica praia de Morerê (o que exige até uma travessia de rio com água pelo joelho), onde na maré baixa se forma uma piscina natural gigantesca com águas límpidas e temperatura digna de uma

jacuzzi. Ideal para quem curte ficar de molho. E se quiser tomar uma caipirinha ou beliscar um aipim frito, basta sentar no restaurante Paraíso, junto da areia.

Se a fome apertar, peça a D. Angélica, a simpática dona do local, para preparar a sua moqueca de polvo com banana da terra, uma iguaria sem precedentes. Mas é na paradisíaca praia de Coeira que se trava conhecimento com um personagem digno de Jorge Amado – o Guido, dono de um restaurante que leva o seu nome.

Muito orgulhoso por figurar em vários títulos de revistas nacionais e internacionais como sendo o mentor das mais saborosas lagostas de toda a região, este simpático e falante cidadão, boipebano autêntico, cativa a sua clientela com algo mais do que suas receitas caseiras. Assim como a própria ilha de Boipeba, para quem enxerga além do ritmo pacato da maré.



SERVIÇO

Como chegar

Do aeroporto de Salvador, o meio mais rápido para chegar a Boipeba é de aviãozinho: dependendo do movimento, há até três decolagens por dia. O voo dura 30 minutos. O traslado até a ilha ainda inclui uma rápida travessia de barco, além de uma caminhada para alcançar a pousada, seja lá qual for.

Onde ficar

Pousada Mangabeiras

A vista inebriante para o mar é o denominador comum de todos os nove chalés individuais. Assim como as camas king size, das quais quase se desliza diretamente para uma espreguiçadeira na beira da piscina da pousada. Localizada num promontório, no final da praia da Boca da Barra, essa formosa pousada pertence à conceituada cadeia *Roteiros de Charme*. No restaurante, um cardápio criativo e bem saboroso, misturando ingredientes locais com receitas familiares.

www.pousadamangabeiras.com.br

pousadamangabeiras@yahoo.com.br

Tel.: (75) 36536153

Villa da Barca

A quinze minutos (a pé, é claro) do porto, entre as praias de Tassimirim e Cueira, esta localização garante tranquilidade absoluta, interrompida apenas pelo sussurro das ondas que deslizam até a areia. A decoração dos quartos é rústica, mas de bom gosto. Não espere altíssimo luxo, mas sim um ambiente descontraído com o conforto necessário. Tem um bar e dá para se comer *al fresco*, com mesas instaladas praticamente na areia. Praia do Outeiro s/n – Tel.: (75) 99414287

www.villadabarcaboipeba.com

contato@villadabarcaboipeba.com

O que fazer

Contemplar o mar, ler, namorar, desligar da civilização, caminhar, tomar água de coco, decorar a tábua das marés e comer lagosta. Além disso, se embebedar com a paisagem cinematográfica sem ter que compartilhar nada com ninguém – a maioria das praias, como Cueira e Tassimirim, ficam agradavelmente desertas, mesmo no auge do verão. Até mesmo durante o Carnaval e final de ano, Boipeba é um destino turístico menos desbravado. Perfeito caso seja a sua intenção manter-se longe dos holofotes, da agitação noturna ou até mesmo permanecer incógnito.

Onde comer

Lagostas grelhadas do “seu” Guido

Vá se preparando para comer do bom e do melhor em frutos do mar, tendo em volta um *décor* assinado pela própria natureza. Desde as primeiras horas da manhã, emoldurado por um coqueiral sem fim na praia de Cueira, o pescador Guido está atarefado, com a mão na massa – ou melhor, nas suas lagostas, que ele mesmo se encarrega de pegar nas profundezas das águas mansas. Depois de terem suas cascas “esqualdadas” na chapa de uma frigideira enegrecida pelo uso, “seu” Guido grelha os crustáceos no azeite por um ou dois minutos. As bichinhas são servidas em porções generosas; como acompanhamento, uma farofa leve e uma boa pimenta.

Praia de Cueira s/n.

Não tem telefone nem site e não faz reserva.



OS GEMEOS: NOSSOS SEGREDOS





Vista da exposição *O peixe que comia estrelas cadentes*, Galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, 2006

Foto: Lost Art

Exposição que celebra os 33 anos do CCBB Rio de Janeiro reconta a trajetória que consagrou Gustavo e Otavio Pandolfo. Mostra com quase mil itens fica em cartaz de 12 de outubro a 23 de janeiro de 2023

A arte de Gustavo e Otavio Pandolfo, mais conhecidos como OSGEMEOS, faz parte do nosso dia a dia. Ela pode estar num muro da rua – e ter uma vida efêmera, sobrevivendo até que alguém decida passar uma tinta na parede –, na pintura de um avião, na lateral de um prédio de uma cidade qualquer do mundo ou dentro de um museu.

O traço e a combinação de técnicas inconfundíveis não são privilégio, hoje, do público brasileiro – a obra dos irmãos nascidos em 1974 está difundida mundialmente. Mas, de 12 de outubro de 2022 a 23 de janeiro

de 2023, o Rio de Janeiro recebe uma reunião especial das obras da dupla, no CCBB RJ, que completa agora 33 anos de atuação, com patrocínio do Banco do Brasil.

Quase mil itens compõem a mostra *OSGEMEOS: Nossos segredos*, que tem curadoria dos próprios artistas e foi escolhida pelo CCBB para comemoração ao seu aniversário. É a segunda vez que a instituição recebe OSGEMEOS: a primeira foi há 12 anos, com *Vertigem*, exposição individual de estreia da dupla em solo carioca. A mostra seguirá depois para o CCBB Belo Horizonte, com inauguração programada para 14 de

fevereiro de 2023 – a primeira exposição d’OSGEMEOS no estado de Minas Gerais.

UNIVERSO LÚDICO

A mostra que chega ao Rio de Janeiro e a Belo Horizonte é inspirada na exposição *OSGEMEOS: Segredos*, apresentada na Pinacoteca de São Paulo e no MON de Curitiba (PR), entre 2020 e 2022. A nova exposição dos trabalhos de Gustavo e Otavio Pandolfo apresenta uma visão generosa de um universo lúdico (*Tritrez*), partilhado pelos irmãos desde a infância, do qual se origina boa parte dos personagens que compõem a sua arte.

O conjunto de peças foi organizado de forma a transmitir informações e sensações sobre uma produção artística bastante peculiar. Esse universo não é perfeitamente traduzível em palavras; são janelas que se abrem para outro mundo, com telas, instalações e murais em espaços urbanos, que brincam com a imaginação dos visitantes, coletiva ou individualmente.

“Essa exposição coloca tudo isso junto”, afirma Gustavo Pandolfo. “Um desenho num papel pode virar um avião inteiro, pintado com muitas tintas e sobre um fundo totalmente diferente, com técnicas distintas para produzir um efeito que nos caracteriza e que é parte de nosso processo criativo”, explica ele. “Gostamos de trabalhar com múltiplos suportes e materiais variados.”



Gigante, mural permanente realizado em parceria com Futura2000 na fachada do P.S.11, Chelsea, Nova York, EUA, 2010
Foto: OSGEMEOS

Otávio, por sua vez, destaca peculiaridades da arte que cria com o irmão. *"Nossa caligrafia e nossos desenhos contam a história de nossos lugares: de onde viemos, como nos formamos..."*. Ele explica ainda que muitos dos desenhos que serão apresentados em *OSGEMEOS*: *Nossos segredos* funcionam como uma espécie de templo: *"É onde a gente se encontra em paz, em harmonia, vinculados à família e aos amigos, e, sobretudo, ao que a gente mais acredita"*, revela. *"Este é o alicerce do nosso trabalho"*, conclui Otávio.

Vale lembrar que uma das atrações da nova exposição dialoga, em versão 3D, com as experiências caligráficas: trata-se de uma estante com o formato das letras que compõem o nome da dupla, em escala humana.

TRAJETÓRIA E TÉCNICAS

O trabalho de Gustavo e Otávio ganhou destaque quando os artistas começaram, no início de 1990, a produzir diversos tipos de arte, com destaque para os grafites nas laterais dos edifícios. Diversos murais cria-

Mural sem título, realizado em parceria com Blu, Lisboa, Portugal, 2010

Foto: OSGEMEOS



dos por eles ocuparam grandes espaços em São Paulo, cidade de nascimento da dupla. OSGEMEOS partiram do bairro de Cambuci, na zona central da capital paulista, para diversas cidades e museus mundo afora.

A questão técnica é uma característica fundamental do trabalho. O domínio de diferentes formas de pintar veio da necessidade de trabalhar, desde os anos 1980, com a diversidade de suportes e, muitas vezes, com a escassez de recursos. Frequentemente precisavam combinar o uso de tintas à base de água com o spray, por exemplo. Um desenho podia ter uma parte pintada sobre madeira e outra sobre uma parede de alvenaria ou, ainda, poderia incorporar um resto de lona de feira. Também desenvolveram a técnica de contorno de traço fino com spray para poder materializar todas as ideias e detalhes que tinham em mente.



A mostra exhibe um trabalho que fez parte de uma intervenção de um dia realizada em Nova York, em parceria com Banksy. Nele OSGEMEOS inserem um personagem em uma obra do artista britânico – famoso por seus estênceis, seu ativismo político e anonimato –, e este inclui um personagem em meio a uma tela d’OSGEMEOS. A combinação é um exemplo da mundialização das obras da dupla, que dialoga com outros artistas da vanguarda da arte feita na rua, em que o debate estético caminha lado a lado com a intervenção crítica e política.

GIGANTE NA ROTUNDA

Outro destaque da exposição é a configuração renovada de *Templo* e de *Gigante*, obras adaptadas especialmente para o espaço do CCBB Rio de Janeiro. Ambas estão estruturadas na rotunda, numa posição de grande evidência. Na mesma rotunda, há a projeção de animações.

Além disso, telas emprestadas de colecionadores fazem parte do conjunto de peças em exposição. A mostra apresenta também projeções de imagens de obras urbanas, trabalhos que em grande parte foram apagados pelo tempo, pelo poder público ou por motivações de naturezas diversas. Há uma sala dedicada ao tema, em que são projetados os registros fotográficos da presença efêmera dessas obras nas cidades.

Outra parte da exposição é dedicada ao registro fotográfico d’OSGEMEOS produzindo murais pelo mundo, uma novidade mesmo em relação às exposições de São

Cabelo flamejante, 2017

Foto: Filipe Berndt

Paulo e Curitiba. Estão incluídas, por exemplo, imagens dos novos murais: um no Queens, em Nova York, produzido em maio deste ano, e outro realizado em agosto, em Ishinomaki, no Japão, para o RebornArt Festival.

MÚLTIPLAS INFLUÊNCIAS

Com essa exposição, o CCBB propõe um registro organizado do processo de criação d'OSGEMEOS. Desde crianças, nos anos 1980, os irmãos atuam em conjunto. Nascidos numa família que valorizava a visitação a exposições, OSGEMEOS também foram fortemente influenciados pelas séries japonesas para a TV, como o *Ultraman*, por animações, como as de *The Wall*, do Pink Floyd, ou as do filme *Heavy Metal*, pelas músicas eruditas que ouviam com o avô, pelos desenhos que faziam com o irmão mais velho, Arnaldo. A partir das ruas do Cambuci, um dos berços da cultura hip-hop nos anos 1980, conviveram com o graffiti, o rap e o break, ou seja, com a força da estética visual, da poesia, da música e da dança de rua, que foram elementos fundamentais de formação da dupla.

Essas influências deram origem tanto a personagens peculiares – que habitam as ruas em forma de graffiti –, a telas, pinturas e desenhos em papel e madeira, como a uma infinidade de objetos planos e tridimensionais

que ganharam vida e cores, num estilo diverso, ao mesmo tempo popular e sofisticado.

Os irmãos costumam afirmar que nunca repetem personagens: embora perceba-se semelhanças entre as figuras humanas e os ambientes retratados, eles são únicos. Essa diversidade pode ser observada, por exemplo, em esculturas, como é o caso de *B-girl*, personagem do mundo hip-hop, ou de uma mulher de vestido azul ou de uma cabeça de Boombox.

A exposição revela de maneira inédita os cadernos de desenho dos irmãos e apresenta ainda anotações em cadernos e papéis avulsos, pinturas e esculturas que remetem à experiência espontânea de criar na rua. Segundo OSGEMEOS, foi na rua que tudo começou e é nela que eles se sentem em casa.

SERVIÇO

Exposição OSGEMEOS: Nossos segredos

12/10/2022 a 23/01/2023

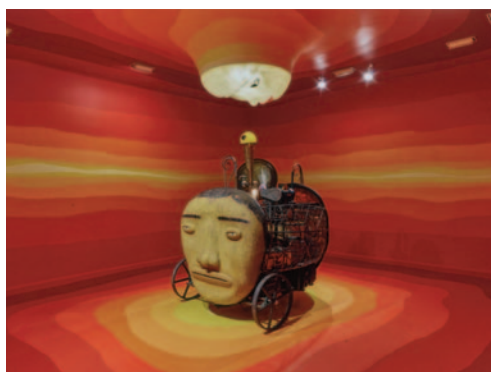
Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66 - Centro - Rio de Janeiro, RJ

Segundas: das 9h às 21h | Terças: fechado

Quartas a sábados: das 9h às 21h | Domingos: das 9h às 20h

Ingressos: retirados gratuitamente na bilheteria do CCBB RJ ou em www.bb.com/cultura



Escultura *O beijo*
para a exposição
The silence of the music,
em Nova York, EUA, 2016
Foto: Max Yawney

Gramophone, 2016
Foto: Max Yawney





Cícero Dias, *Sem título* – Déc. 20

Foto: Divulgação

Em São Paulo, a
"ARTE EM
PERNAMBUCO"
Um panorama
da produção
pernambucana
nos séculos XIX
e XX será exibido
nos dois andares
da Arte132 Galeria
(SP) a partir do dia 8

A exposição, que reúne um conjunto de mais de 100 obras do colecionador Enilton Tabosa do Egito, exhibe Pernambuco em formas e cores pelas mãos de Cíceros e Vicentes, Lulas e Virgolinos, Câmaras, Samicos e Brennand

Entre pinturas, três esculturas em cerâmica e uma escultura em bronze, a exposição abrange produções realizadas a partir da metade do século XIX até o fim do século XX, e ganha corpo com o acervo particular do médico cardiologista Dr. Enilton Tabosa do Egito, grande colecionador das artes visuais pernambucanas. O texto crítico é assinado por Benjamim Gomes.

Dentre os 71 artistas do conjunto das obras expostas, constam Cícero Dias (1907-2003), Reynaldo Fonseca (1925-2019), Vicente do Rego Monteiro (1899-1970), Lula Cardoso Ayres (1910-1987), Wellington Virgolino (1929-1987), Balthazar da Câmara (1890-1982), Gilvan Samico (1928-2013) e o ceramista Francisco Brennand (1927-2019). Eles representam o acervo de pinturas pernambucanas de arte não-sacra, iniciada na metade do século XIX.

A seleção de obras feita para essa exposição representa uma síntese da pintura pernambucana no panorama nacional. *“No que se refere aos séculos anteriores, tivemos o cuidado de desenvolver mais detalhadamente os acontecimentos e fatos que fizeram a nossa história no passado, até porque nossos livros didáticos descrevem de forma acrítica e muito superficial informações necessárias à formação crítica de seus educandos”*, explica Benjamim.



Vicente do Rego Monteiro, *Sem título*, S.D.

Foto: Divulgação



Francisco Brennand, *Sem título*, 1980

Foto: Divulgação

Ainda que a mostra tenha como marcadores temporais os séculos XIX e XX, o início das pinturas, de fato, começa no século XVII, com a instalação dos holandeses em Pernambuco, a exemplo dos pintores Frans Post (1612-1680) e Albert Eckhout (1610-1665), que chegaram juntamente com Maurício de Nassau. A pintura não sacra tornou-se registro de importância histórica e pano de fundo para tudo o que se seguiu posteriormente na história do Brasil.

O espaço criado compõe a cena histórica da arte pernambucana, buscando resgatar as origens em função de ampliar a difusão do conhecimento cultural e artístico no contexto da época em que as obras foram criadas. É também importante ressaltar que a mostra permitirá expor o paralelismo temporal entre o Mo-

dernismo Pernambucano e outros Modernismos. A publicação impressa que contém todas as obras do colecionador (em torno de 270 itens) foi idealizada por Benjamim Gomes e estará disponível na Galeria para aqueles que visitarem a exposição.

SERVIÇO

Exposição

Arte em Pernambuco – Coleção Enilton Tabosa do Egito

Arte132 Galeria - Av. Juriti, 132, Moema, São Paulo, SP

Evento de abertura: 8 de outubro, das 11h às 17h

Período expositivo: 8 de outubro a 12 de novembro de 2022

Horários de visitação:

segunda a sexta, das 14h às 19h; Sábados, das 11h às 17h

Entrada gratuita

<https://arte132.com.br>



Série Cápsulas
de Memórias,
Gota Horizonte,
Monotipia em vidro
Foto: Divulgação

JEANE TERRA

Territórios, Rupturas e suas Memórias

Artista aborda a transitoriedade das cidades e o apagamento urbano, através do ressurgimento das ruínas de municípios submersos que por causa da seca são avistados fora da água. Mostra acontece a partir do dia 6 e até 12 de novembro, no Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro

A artista Jeane Terra, mineira radicada no Rio de Janeiro, apresenta um conjunto de 20 obras inéditas em *“Territórios, rupturas e suas memórias”*, resultantes de uma imersão nas cidades baianas de Sobradinho, Remanso, Casa Nova, Pilão Arcado e Sento Sé, durante a seca do Rio São Francisco. Após sua pesquisa anterior, no Pontal de Atafona, no norte fluminense, que está sendo tragado pelo mar, Jeane Terra quis trabalhar nas cidades inundadas para a construção da barragem Sobradinho e da usina Luiz Gonzaga. Foi na década de 1970 que aquela região do sertão virou “mar”. Pelo menos 100 mil pessoas tiveram que deixar sua terra natal e se deslocaram para as novas demarcações urbanas, levando apenas seus pertences e, em alguns casos, partes das construções de suas casas.

Nesta nova mostra, Jeane Terra aborda a desterritorialização. Ela registrou o ressurgimento das ruínas dessas cidades avistadas por conta da seca. A artista colheu depoimentos dos habitantes e buscou material para a produção das obras. Esculturas, vídeos, escavação, fotografia, videoarte, monotipias aplicadas em “pele de tinta” – ou pintura seca – e instalações compõem a exposição, com materiais que vão do vidro ao pau-a-pique e as “peles de tinta”, técnica criada e patenteada pela artista.

Uma das instalações recria o interior de uma caixa d’água em ruínas, que a artista pode registrar por causa da maré baixa. Uma projeção de imagens, a partir de três ângulos diferentes da edificação, vai possibilitar ao público se sentir “dentro” da construção.

Alguns destaques

PINTURA SECA – PELE DE TINTA

Jeane Terra desenvolveu em 2017 um processo singular, atualmente patenteado, que chama de *“pintura seca”*, ou *“pele de tinta”*. Ela aglutina pigmentos de tinta de modo a obter um material com determinada elasticidade, em várias colorações. Quadriculando a tela como um bastidor de bordado em ponto-cruz, técnica aprendida com sua avó, Jeane aplica centímetro por centímetro desta pele de tinta, obtendo um resultado surpreendente. *“É um pixel analógico”*, observou Paulo Herkenhoff. Para finalizar cada trabalho desses, a artista demora até quatro meses.



Pinturas secas (Pele de tinta)

Fotos: Divulgação



Avançando neste processo, após meses de tentativas, conseguiu o equilíbrio adequado entre os materiais, ao que acrescentou pó de mármore, e produziu a *pele de tinta* em um formato maior. Assim, o que era elemento de superfície, passa a funcionar como tela, suporte para outras intervenções. Tornando ainda mais complexo o trabalho, descobriu uma forma de imprimir na tela de pele de tinta imagens colhidas em suas viagens. *“Eu queria tatuar, inscrever esta memória na pele de tinta. Na transferência para a pele, a imagem se fragmenta, se dilacera, como a memória”*, explica a artista.

ESCULTURAS EM VIDRO

Jeane Terra colheu água do Rio São Francisco para colocar em esculturas de vidro, em uma transferência da paisagem viva carregada de memórias submersas. Esse vidro, moldado artesanalmente, possui curvas, nuances e também encapsula as esculturas. As monotípias translúcidas aplicadas no vidro revelam as imagens de *“um sertão que grita e clama seu não esquecimento”*.

PAU-A-PIQUE

Em seus dias percorrendo a imensidão *“daquele sertão lindo e castigado”*, a artista foi afetada fortemente pela paisagem das casas construídas em pau-a-pique, que a fizeram lembrar das construções que via no interior de Minas desde a sua infância. Essa arquitetura ligou sua memória mineira imediatamente à Bahia e Jeane Terra quis transportá-la para as obras que irão compor o corpo da exposição.



Relíquia Gaiola, Monotípia em vidro e água do Rio São Francisco

Foto: Divulgação

IMPACTO DO DESLOCAMENTO

Ao ouvir os relatos emocionados dos habitantes da região, a artista resolveu abordar o impacto causado por esse deslocamento, as mudanças e transformações decorrentes da inundação da área de Sobradinho. *“Há um universo simbólico, subjetivo, que não termina com a submersão, porque é uma identidade em movimento,*

e mantém nos novos locais de moradia a vinculação entre passado e presente. O afogamento dessas cidades afeta a relação das pessoas com a memória desses lugares que foram arrancados delas”, observa.

CORPO-CASA

A artista gera novos sentidos à matéria corpo-casa, seja ao utilizar escombros de casas e edifícios como objeto de trabalho e revesti-los com peles de veludo, seja ao usar suas “peles de tinta” para reproduzir imagens que são transferidas direto na tela – por vezes, agregando outras técnicas, como o ponto-cruz que surgiu da memória de sua avó bordando enxovais, em uma espécie de corpo-pintura.



Profundo, Óleo sobre tela
Foto: Divulgação

JEANE TERRA

Artista mineira (1975) radicada no Rio de Janeiro, frequentou diversos cursos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, na Escola Guignard, em Belo Horizonte, entre outros cursos na área. Foi assistente de Adriana Varejão por dez anos. Sua pesquisa está atrelada à memória e suas subjetividades, investigando fragmentos e nuances da transitoriedade das cidades, do apagamento urbano, do crescimento desenfreado das urbes e de sua ocupação. Trabalhando com diferentes suportes, se dedica especialmente à pintura, escultura, fotografia e videoarte. Com 13 anos de trajetória, participou de mostras individuais e coletivas no Brasil e no exterior.

SERVIÇO

Exposição Jeane Terra –

Territórios, rupturas e suas memórias

6 de outubro a 12 de novembro de 2022

Centro Cultural Correios Rio de Janeiro

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro, RJ

Horário: terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada: gratuita | Classificação: livre

Informações (21) 2253-1580

E-mail: centroculturalrj@correios.com.br

A unidade conta com acesso para pessoas cadeirantes e limita a quantidade de visitantes, para evitar aglomeração.

No local, é recomendado o uso de máscaras.

Mundo Zira – Ziraldo Interativo



Foto: Divulgação

Mostra inédita sobre o universo fascinante dos personagens do escritor e cartunista que completa 90 anos, chega ao CCBB Brasília no dia das crianças

Ziraldo completa 90 anos de uma trajetória marcada pela exuberância criativa, povoada por personagens que se tornaram ícones de diferentes gerações de brasileiros. Para homenagear o escritor e cartunista mineiro, o Centro Cultural Banco do Brasil Brasília estreia a exposição “Mundo Zira – Ziraldo Interativo”, a

partir do dia 12, na galeria 3 e pavilhão de vidro, com entrada gratuita, classificação livre e para todo os públicos.

Inédita no país, a mostra sobre a obra do artista chega em datas especiais, já que sua inauguração ocorre no Dia das Crianças, aniversário do CCBB Brasília, que



Foto: Divulgação

comemora 22 anos de fundação, e 33 anos de investimento em Cultura pelo Banco do Brasil. “*Ziraldo Interativo*” fica em cartaz até 18 de dezembro de 2022. O mestre da literatura e dos quadrinhos brasileiros completa nove décadas também em outubro, no dia 24.

Adultos, jovens e crianças, fãs das histórias que compõem a literatura infanto-juvenil do cartunista, vão poder interagir com o universo fascinante de seus personagens. O percurso da exposição convida o visitante a ações que estimulam a criatividade e o espírito lúdico. Com design exclusivo e estrutura composta de grandes painéis projetados com personagens e grafismos do artista, o visitante irá vivenciar uma verdadeira imersão no *Mundo Zira*, se tornando coautor de uma obra já consagrada por gerações de leitores em todo o mundo. Além de brincar ao lado dos filhos, estimular suas capacidades cognitivas e vivenciar o prazer da literatura, os pais irão reencontrar o querido *Menino Maluquinho*, amigo de tantas gerações, e lembrar suas aventuras. Assinando a curadoria e a direção de arte da exposição, Adriana Lins e Daniela Thomas, diretoras do Instituto

Ziraldo e sobrinha e filha, respectivamente, do artista, contam sobre a alegria de participar dessa grande homenagem: “*Tenho conseguido manter essa constância de homenagear a obra do meu pai, que tanto me formou, em exposições pelo país. Agora, para comemorar os 90 anos, queríamos um novo ponto de vista, adicionando uma relação de mergulho em uma obra em grande escala que está ali para se engajar com ela*”, explica Daniela Thomas.

A formação das curadoras, que contam com grande bagagem em direção de arte, associada à proximidade com a obra do cartunista, possibilitou a realização de um trabalho à altura da grandiosidade dele.

“*Queríamos fazer dessa exposição uma experiência transformadora – o visitante pode verdadeiramente entrar numa imersão. Isso é algo que combina demais com o mundo de hoje, onde a experiência vivida vale muito*”, comenta Adriana Lins. A sobrinha diz que a obra de Ziraldo é um marco que atravessa gerações. “*Ele representa muito da nossa cultura, ele traz essa memória das últimas décadas do Brasil, da infância e do íntimo de cada um*”, analisa.

Criação é uma das palavras chaves da exposição. Públicos diversos vão poder colocar a imaginação em prática com auxílio de tecnologias interativas que possibilitam colorir, montar personagens, escolher falas e se movimentar seguindo sons. Uma das atrações é a adaptação para o universo interativo do primeiro livro de Ziraldo, *Flicts*, editado em 1969 e ainda atual em suas mensagens sobre relacionamento, tolerância e acolhimento.

Neste espaço sensorial, o público, envolvido pelas cores, pode se tornar “maestro”: a partir de movimentos corporais, poderá coordenar a projeção de imagens geométricas saídas das páginas originais do livro. As gráficas imagens de Ziraldo sairão de seus livros para ocupar paredes de três metros de altura. Cor e vigor de uma estética que definiu fortemente sua marca são o cenário inspirador dessa imersão. Os visitantes também podem transformar as obras do autor a partir do seu próprio olhar, com auxílio dos recursos digitais, repintando composições que serão projetadas nas paredes da sala, transformando todos em artistas dessa grande exposição coletiva.

Segundo Daniela Thomas, a exposição deve ser uma extensão do efeito que a obra dele passa: *“Ele consegue transmitir um prazer em viver, em conviver na obra dele, de encantar, de fascinar. Assim como o contato com a obra, a imersão tem o poder de mudar a pessoa que entrar ali, ela vai sair diferente”*, celebra a filha.

CCBB EDUCATIVO

Durante os projetos de artes plásticas, o Programa *CCBB Educativo* oferece uma série de atividades interativas, educacionais e didáticas para as crianças, com o objetivo de levar a esse público um pouco de conhecimento, informação e cultura relacionado ao tema da exposição. A programação inclui desde atividades de música e pintura a contação de histórias.

Uma das práticas é o *Pequenas Mãos*, em que os educadores acompanham as crianças de 3 a 6 anos de idade e seus responsáveis às galerias e em seguida realizam uma atividade relacionando os temas e conceitos das

exposições. Em *Ziraldo Interativo*, após conhecer a exposição, os participantes criam histórias em mesas de luz que exploram as cores, os desenhos e possibilitam a criação de histórias de forma interativa.

A atividade *Livro Vivo* estimula um dos primeiros passos na formação de leitores: a leitura compartilhada. Educadores realizam a leitura em voz alta de livros afinados com os conteúdos das exposições em cartaz para as crianças e famílias.

A programação completa do CCBB Educativo pode ser conferida no site bb.com.br/cultura. Escolas, grupos ou instituições podem agendar visitas guiadas às galerias e espaços expositivos durante a semana pelo e-mail: agendamento.df@ccbbeducativo.com.

O projeto tem apresentação do Ministério do Turismo, com patrocínios do BB Asset Management e do Banco Votorantim e apoio do Instituto Ziraldo.

SERVIÇO

Exposição *Mundo Zira – Ziraldo Interativo*

Centro Cultural Banco do Brasil Brasília
SCES, Trecho 2 - Brasília/DF – Galeria 3 e pavilhão de vidro
De terça a domingo, das 9h às 21h – (61) 3108 7600
Período: 12 de outubro a 18 de dezembro de 2022
Ingressos – bb.com.br/cultura | Gratuito





Da esquerda para a direita: Izak Dahora, Clara Santhan e Isio Ghelman

Foto: Renato Mangolin

“RENOIR – A BELEZA PERMANECE”,
O espetáculo, que estreia dia 7 no Teatro do Masp,
reflete sobre talento, beleza, valores morais
e a cultura do cancelamento no universo artístico

Com texto de Rogério Corrêa e direção de Isaac Bernat, a peça se inspira na vida e na obra de um dos mais importantes pintores do impressionismo para discutir questões contemporâneas da arte e da cultura. Em cena, os atores Isio Ghelman, Clara Santhana e Izak Dahora

A beleza de uma obra de arte é mesmo eterna? Ou pode ser definida pelo seu tempo? Como julgar um artista do passado com os valores do presente? As reflexões sobre os limites da cultura do cancelamento e a influência das atitudes de um artista no seu legado motivaram a criação de *“Renoir – A beleza permanece”*, espetáculo que estreia dia 7 de outubro, no Teatro do Masp, em São Paulo.

Um dos principais integrantes do movimento impressionista, ao lado de Claude Monet e Edgar Degas, Auguste Renoir (1841-1919) é autor de mais de quatro mil obras que ficaram conhecidas pelo otimismo, pelas cores vibrantes e pela celebração do prazer. Paradoxalmente à alegria de seus quadros, o artista enfrentou grandes obstáculos na carreira, como dificuldades financeiras e uma artrite progressiva nas últimas décadas de vida. Também sofreu críticas mais recentes por objetificar o corpo das mulheres e por atitudes machistas ao longo da vida.

Em 2015, foi criado o movimento *Renoir Sucks at Painting* (*Renoir Pinta Mal*, em tradução livre), que pedia a retirada de pinturas do francês dos museus. *“Além de contar a vida de Renoir, a peça discute a validade de se tentar compreender uma figura do passado. Através do grande mestre da pintura, exploramos a validade de se continuar a admirar a obra de um artista que tenha cometido atos moralmente condenáveis de acordo com nossos valores atuais”*, explica o autor Rogério Corrêa, que escreveu o texto a partir de extensa pesquisa sobre o tema em livros e palestras.



Pierre-Auguste Renoir, *Boating on the Seine (Passeio de barco no Sena)*, c. 1879
Foto: Domínio público / Wikipédia

A história começa com uma palestra da curadora de arte Lúcia Cohen, com o tema *“Renoir, a beleza permanece?”*. Ao conhecer Dereck Jameson, um ativista americano, líder do movimento *“Renoir Não Sabe Pintar”*, ela é convidada para um debate em uma emissora de rádio sensacionalista sobre a importância do pintor impressionista. Ao mesmo tempo, a personagem tem conversas imaginárias e questionadoras com o mestre da pintura.

“O texto é muito interessante porque, ao mesmo tempo em que resgata a trajetória brilhante de Renoir, leva à cena suas contradições e muitas questões que permearam o seu trabalho. Com isso, temos um grande debate sobre a criação artística”, observa o diretor Isaac Bernat, ao afirmar que *“originalidade, cancelamento e a relação do artista com sua obra são alguns dos temas que permeiam a peça”*.

“A discussão é séria”, comenta Isio Ghelman. “Até que ponto as escolhas de vida interferem ou devem interferir na maneira como o público aprecia e recebe as obras de um artista? Eu interpreto Renoir, um apaixonado pela pintura, que pintou todos os dias da vida dele, que se alegrava de nunca ter pintado um quadro triste. É um desafio”, conclui.

Os três atores, que vivem diferentes papéis, comentam que os principais personagens apresentam suas verdades e incoerências. Nenhum deles está totalmente certo ou errado. *“O Dereck James é um personagem instigante. Ele é um ativista, um militante cultural e um performer. Suas discussões são muito pertinentes neste momento, como os limites institucionais da arte, quem outorga o que é arte e quem determina o valor de cada obra, passando por reflexões sobre raça e gênero. Qual a cor do mercado de arte?”*, questiona o ator Izak Dahora.

A atriz Clara Santhana acrescenta: *“O interessante é que, ao fazer um recorte da vida de Renoir, a gente consegue refletir sobre temas contemporâneos da arte. Em suas conversas com o pintor, minha personagem vai questionar episódios da vida dele e trazer para a discussão a objetificação do corpo feminino na pintura”.*

O cenário idealizado por Doris Rollemberg apresenta áreas desenhadas que representam um museu e sua área externa. O videografismo de Rico e Renato Vilarouca completam o ambiente, com criações autorais e imagens de quadros de Renoir. Também fazem parte

da equipe criativa os figurinistas Ney Madeira e Dani Vidal, que misturam elementos de época e contemporâneos, o iluminador Aurélio de Simoni, o diretor musical Charles Kahn e o diretor de movimento Toni Rodrigues.

SERVIÇO

Espetáculo *Renoir – A beleza permanece*

Temporada: De 7 a 16 de outubro de 2022

Teatro do Masp – Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand – Av. Paulista, 1.578 – São Paulo, SP

Dias e horários: de quinta a sábado, às 20h; domingo, às 18h

Ingressos: R\$ 60 (inteira) e R\$ 30 (meia-entrada)

Lotação: 344 lugares | Duração: 60 minutos

Classificação: 14 anos

Funcionamento da bilheteria: De terça a domingo, das 10h às 18h

Vendas online: <https://masp.byinti.com/#/event/renoir-a-beleza-permanece>



Flyer de divulgação



DIAS GOMES E AS RELAÇÕES DE PODER

Em comemoração ao centenário do escritor e dramaturgo, a editora Bertrand relança *As primícias*, obra fora de catálogo há três décadas

A peça As primícias é uma metáfora das relações de poder, com significado amplo e universal. Dias Gomes trata da revolta de um jovem casal contra o privilégio do proprietário de terras de passar a noite de núpcias com a noiva. A publicação, com novo projeto gráfico, faz parte das comemorações dos 100 anos do romancista baiano, nascido em 19 de outubro de 1922. A Bertrand Brasil já vendeu mais de 800 mil exemplares da obra de Dias Gomes e lançará ainda este mês a autobiografia Apenas um subversivo

Sempre atento à realidade brasileira para escrever seus textos para teatro, cinema e televisão, Dias Gomes foi buscar inspiração em um costume europeu da Idade Média para *As primícias*. Escrita em 1977, a peça se passa em uma grande propriedade rural, em uma época indeterminada, na qual um jovem casal de noivos camponeses só consegue pensar na noite de núpcias, mas com muita apreensão: em vez de ansiarem pela grande felicidade que vão desfrutar, estão preocupados com quem estará lá no derradeiro momento. Pois pertence ao proprietário de terras o temido *jus primaenocis*, o direito à virgindade das noivas camponesas. Resta ao marido se relacionar com a mulher a partir da segunda noite.

Contrários a esta tradição, Lua e Mara decidem não aceitar a humilhação e se rebelam contra o costume. Tramam um plano para enganar o proprietário e têm como cúmplice o vigário. O casal vai enfrentar todas as ameaças e os julgamentos impostos, um grito de liberdade que é iluminado com o poder do amor, em uma noite de revolta e libertação.

SERVIÇO

As primícias – Dias Gomes

Ed. Bertrand Brasil | Grupo Editorial Record
R\$54,90 – 112 págs.

Foto: Divulgação



FESTIVAL DO RIO, O MAIOR FESTIVAL DE CINEMA DA AMÉRICA LATINA

De 6 a 16 de outubro, a Première Brasil exhibe 70 produções brasileiras inéditas dentro do Festival do Rio. Os filmes das mostras competitivas concorrem ao Troféu Redentor em diversas categorias

Considerada uma das principais vitrines do cinema brasileiro, a *Première Brasil* anuncia sua seleção para o *Festival do Rio 2022*. Nesta edição, foram selecionadas 70 produções nacionais – entre longas e curtas – de novos talentos e de realizadores consagrados, entre os mais de 450 curtas e 200 longas inscritos. Os 70 títulos selecionados estão espalhados nas mostras competitivas – *Competição Oficial* e *Novos Rumos* – e nas mostras especiais *Hors Concours*, *Retratos* e *O Estado das Coisas*.

A *Première Brasil* também realiza sessões e debates presenciais com as equipes dos filmes e oferece ao público o privilégio do voto popular para escolha de melhor filme de ficção, melhor documentário e melhor curta.

Apesar dos desafios enfrentados nos últimos anos, o Festival do Rio chega em 2022 com grandes expectativas e conta com a apresentação e patrocínio master da Shell Brasil – Lei Federal de Incentivo à Cultura – e da

Prefeitura do Rio de Janeiro – por meio da RioFilme, órgão que integra a SEGOVI (Secretaria Municipal de Governo e Integridade Pública).

"A RioFilme tem orgulho em apoiar o Festival do Rio, que a cada edição amplia seu potencial como uma vitrine para o melhor do cinema do Brasil e do mundo. É momento de celebrar também a retomada presencial do RioMarket, que promove debates essenciais para potencializar a presença do audiovisual brasileiro no mercado internacional, criando oportunidades para novas parcerias e troca de experiência; e cumprindo o papel fundamental de fortalecer junto ao público a importância estratégica que o audiovisual tem para a nossa cidade e para o país. Estamos juntos na missão de fazer do Rio de Janeiro uma referência para o audiovisual no mundo", afirma Eduardo Figueira, Diretor Presidente da RioFilme.

O Festival do Rio 2022 retorna ao seu mês tradicional e acontece entre os dias 6 e 16 de outubro, ocupando diversas salas de cinema, como as do Estação NET, entre outras. De volta ao circuito está o icônico Cine Odeon – Centro Cultural Luiz Severiano Ribeiro, na Cinelândia, que volta, neste ano, a receber noites de gala de filmes internacionais e nacionais *Hors Concours*.

"A Première Brasil foi criada para ser uma grande janela para o cinema brasileiro. Nos interessa – mais que tudo – tornar nossos filmes acessíveis e conhecidos dentro do Brasil e para todos os públicos. O Festival do

Rio também se consolidou como uma importante plataforma para o cinema brasileiro no exterior, projetando nosso prestígio e talento internacionalmente" – diz Ilda Santiago, diretora executiva de programação do Festival do Rio.

SOBRE O FESTIVAL DO RIO

O Festival do Rio é o maior da América Latina. Desde sua criação, já foram exibidos sete mil longas, incluindo obras recém-premiadas em Cannes, Berlim, Toronto, Veneza e outros. Formador de público e também de mão de obra, o Festival do Rio capacitou milhares de profissionais. Anualmente o evento reúne, além de filmes exibidos nos mais importantes festivais mundiais, diversas mostras temáticas e sessões populares. Distribuídos em diferentes mostras, incluindo a competitiva *Première Brasil*, os filmes nacionais compõem parte fundamental do festival, que é a maior vitrine da produção brasileira.

Conheça a seleção completa de filmes da *Première Brasil 2022* e do *Festival do Rio* no site do evento: <http://www.festivaldoriorio.com.br/>





Foto: Luciana Mesquita

QUINTETO LILIANE SECCO DE PIANO E CORDAS

Primeiras apresentações no Rio de Janeiro e em Niterói,
com entrada gratuita

Obras originais e inéditas compostas por Liliane Secco, uma das vencedoras do concurso internacional "Cum Laude Music Awards – International Consonant Chamber Music Composition Contest", promovido pela Non Profit Music Foundation em 2019 na Espanha

O Quinteto Liliane Secco de Piano e Cordas faz uma curta temporada no Rio de Janeiro, na Sala Mário Tavares, anexo do Theatro Municipal, nos dias 5 e 8 de outubro, e no Teatro da UFF, em Niterói, em 11 e 12 de outubro. O projeto foi um dos ganhadores do edital *Re-*

tomada Cultural RJ 2, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro.

Em 2019, uma composição de Liliane Secco foi uma das vencedoras do concurso internacional "*Cum Laude*

Music Awards – International Consonant Chamber Music Composition Contest", na Espanha, promovido pela *Non Profit Music Foundation*. A peça *"Gipsy Spell – for Piano Quintet"* foi registrada em CD, mas continua inédita no Brasil. Agora, o projeto *"Quinteto Liliane Secco de Piano e Cordas"* irá executá-la ao vivo, pela primeira vez no país, junto com outras composições da autora, nas duas apresentações.

– *Neste Recital eu apresento, pela primeira vez, as obras que compus para quinteto de piano e cordas. Componho porque necessito, porque é algo que me transporta para um mundo de paz, de beleza, de amor, e se através da minha música eu conseguir levar pelo menos um pouquinho disso às pessoas, já terei atingido o meu objetivo* – diz Liliane Secco.

A obra da compositora resulta da livre expressão de sua arte a partir da exploração de rica variedade rítmica, melódica e harmônica. A primeira parte do recital tem uma sonoridade mais tradicional e erudita, enquanto a segunda exibe uma característica mais popular e bastante ousada ao explorar ritmos brasileiros como o baião, o partido alto, o maracatu e o maculelê, fazendo uso dessa formação instrumental de um quinteto clássico. O recital conta com o Quarteto Kalimera junto com a pianista Zaida Valentim.

SOBRE LILIANE SECCO

Liliane Secco iniciou seus estudos de piano aos oito anos de idade; aos 11 prestou concurso para ingressar na Escola de Música do Rio de Janeiro, onde se formou no curso técnico de piano aos 18 anos. Deu continuidade aos estudos ingressando no curso de graduação em piano na UFRJ.

Em seguida mudou-se para os EUA e graduou-se *"Summa Cum Laude"* em composição pela *Berklee College of Music*. Na função de pianista, compositora, arranjadora, orquestradora, regente e diretora musical, montou diversos musicais no Rio de Janeiro e São Paulo. Foi três vezes vencedora do Prêmio Shell de teatro na categoria "melhor música". Venceu também o 4º prêmio Ceará Encena na categoria "melhor trilha sonora", pela composição de trilha original para o musical *"A Hora da Estrela"*.

Foi produtora musical do programa *Vídeo Show* e *Vídeo Show Festa* na Rede Globo. Exerceu também, na mesma emissora, a função de diretora da academia do programa musical *"Fama"*. É responsável pelos arranjos e orquestração do musical *"Ópera do Malandro"*, com músicas de Chico Buarque.

SERVIÇO

Quinteto Liliane Secco de Piano e Cordas

Rio de Janeiro – Dias 5 e 8 de outubro

Sala Mário Tavares – anexo ao TMRJ – 19h

Av. Alm. Barroso, 14/16 - Centro

Niterói – Dias 11 e 12 de outubro

Teatro da UFF – 20h

Rua Miguel de Frias, nº 9, Icaraí, Niterói

Entrada franca | Classificação: Livre

Duração dos concertos: 50 minutos

PROGRAMA DO RECITAL:

- Quinteto Nº 1 (quatro movimentos) – Largo / Valsa Allegro / Lento Cantabile / Finale: Festa Cigana (Gipsy Spell)
- Sonhos
- Suíte Raízes Brasileiras (três movimentos) – Baião / Partido Alto com Choro / Maracatu com Maculelê



MARGATE, INGLATERRA

O protagonismo da arte no renascimento do balneário eternizado nas pinturas de Turner

Maria Hermínia Donato

J. M. W. Turner, *Margate Jetty*, c. 1840
Foto: Domínio público / Wikipédia

Existe no Reino Unido, hoje, um projeto de regeneração dos antigos balneários vitorianos; Margate (1h30 de Londres) está liderando este renascimento. Sua história de sucesso está ligada a uma estratégia cultural que levou artistas, músicos, designers, jovens criativos e criadores de tendência a deixarem

o leste londrino atraídos por um ritmo de vida descontraído e pelos preços de imóveis acessíveis. Além de praias lindas de areia (a maioria das praias na Inglaterra são de pedras roliças) e do visual maravilhoso immortalizado pelo pintor J. M. W. Turner (1775-1851).



Galeria Turner
Contemporary

Foto:
Benjamin Beker

Esta migração gerou à cidade o apelido de *Shoreditch-on-Sea*, sendo *Shoreditch* a área artística de Londres adjacente ao bairro “hipster”, de Hoxton em Hackney, onde esses criativos moravam. O impacto na comunidade e na economia local é evidente com os empreendimentos catalisadores na regeneração de Margate, entre os quais a Galeria *Turner Contemporary*, inaugurada em 2011, e o icônico parque de diversões *Dreamland*, (1880), reaberto em 2015, após reestruturação pelo designer Wayne Hemingway, que manteve a atmosfera *vintage* dos balneários: preservou a montanha russa de madeira mais antiga do Reino Unido (1920), trazendo um público saudosos das diversões à beira mar.

A Galeria *Turner Contemporary*, projetada por David Chipperfield para celebrar a conexão de Turner com Margate, é uma das principais galerias de arte do Reino

Unido. Já recebeu mais de 3,5 milhões de visitantes; sediou mais de 50 exposições com trabalhos de artistas como Tracy Emin, Turner, Rodin e Constable, Ai Weiwei, Barbara Walker e Grayson Perry, entre outros. Abrigo também o prêmio Turner em 2019, ano em que os artistas Lawrence Abu Hamadan, Helen Cammock, Oscar Murillo e Tai Shani dividiram pela primeira vez a premiação entre eles (matéria publicada na Oxiênio em dezembro 2019).

Margate sempre foi associada às artes: o pintor J. M. W. Turner frequentou a escola local com 11 anos de idade, na época um *resort Regency* da moda, e na década de 1820 fazia visitas frequentes ao balneário, atraído não apenas pelo visual do céu e do mar, mas por uma ligação amorosa e secreta com a dona da pensão onde se hospedava.

Turner escreve que os céus ao redor de Margate são os mais bonitos de toda Europa, paixão expressa de modo inquestionável em suas pinturas e aquarelas. E foi em Margate que o poeta americano T. S. Eliot (1888-1965), vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1921, escreveu *“The Waste Land”* (*Terra Devastada*) enquanto se recuperava de um colapso nervoso. O poema, feito em cinco partes, é uma obra revolucionária e importante do Alto Modernismo da Literatura Inglesa e sintetiza o momento de crise da civilização após o final da primeira guerra mundial.

“Nas areias de Margate.

Não consigo associar

Nada com nada.

As unhas quebradas de encardidas mãos

Meu povo humilde povo que não espera

Nada.”

T. S. Eliot

Tracey Emin, artista nascida e criada em Margate, voltou a morar na cidade em 2017, depois de viver décadas em Londres, e comprou parte de um imóvel antigo, onde planeja abrir uma escola de arte e um museu. Com recursos próprios – a artista colocou a venda alguns de seus trabalhos – já gastou 2 milhões de libras na reforma da casa.

O novo *TKE Studios* (nomeado para Tracey Karima Emin), com 12 estúdios de tamanhos generosos, espaço de exposição inundado de luz através das clarabóias abobadadas, um mini-conservatório, recepção e livraria especializada, fornecerá espaço de trabalho para 15 artistas, incluindo pintores, ceramistas e escultores. *“Todos eles têm histórias e antecedentes interessantes”*, disse Emin, em entrevista recente ao *The Guardian*, onde também afirmou que *“Margate está dando as boas-vindas aos artistas e sua energia criativa.”* – Veja o vídeo em

<https://www.youtube.com/watch?v=8b7uqr6SsN4>



Stills do vídeo da entrevista de Tracey Karima Emin ao *The Guardian*



A proliferação de instituições e projetos culturais é abundante. Novas escolas de arte, *Margate School* e a *Open School East*, estão matriculando artistas mais jovens; os edifícios da cidade foram transformados – uma antiga subestação de eletricidade abriga *Limbo*, um complexo de estúdio de artistas; o *People Dem Collective* está num centro cultural à beira-mar, e um armazém histórico vitoriano, em Cliftonville, é o lar do *Resort*, outro coletivo de artes.

HOTEL COM ARTE

O recém inaugurado *Fort Road Hotel* é uma reinterpretação do hotel tradicional e oferece uma experiência única baseada em design, arte, arquitetura e gastronomia. Liderado por colaboradores de longa data – Matthew Slotover, cofundador da revista e feiras *Frieze*, Gabriel Chipperfield, empresário, e o artista Tom Gidley – o hotel de 14 quartos é outro destaque cultural de Margate.

Uma pensão em 1820, o hotel hoje só mantém sua fachada original, localizado no topo da colina, em frente à galeria *Turner Contemporary*. O *Fort Road Hotel* é uma peça revitalizada da história de Margate, onde os quartos foram projetados individualmente com obras de arte cuidadosamente selecionadas e móveis *vintage*. Nos banheiros, decorados com azulejos mexicanos artesanais, há produtos da linha de Talassoterapia Haeckel, empresa exemplo em sustentabilidade, criada e sediada na cidade.

A recepção do hotel parece uma sala de estar familiar com a gravura *Golden Mile*, de Tracy Emin (2012), em



Open
School
East
Foto:
Site
Reprodução



People
Dem
Collective
Foto:
Site
Reprodução



Foto: Ed Reeve

cima da lareira. Obras de outros artistas locais, como Lindsey Mendick, Sophie von Hellerman e Hannah Lees, também foram escolhidas por Tom Gidley. O restaurante fornece refeições caseiras sazonais, inspiradas na cozinha de Elizabeth David, Isabella Beeton e Jane Grigson. Eventos gastronômicos culturais reúnem produtores com as comunidades da região e o bar subterrâneo, já frequentado pelos artistas locais, tem uma lista de coquetéis que celebra o espírito clássico britânico.

Dizem que o *Fort Road Hotel* seria um dos últimos prédios restantes na cidade que J. M. W. Turner reconheceria hoje.

Sempre existe um grau de apreensão sobre a gentrificação, dado o ritmo da mudança. Mas o impacto na comunidade do setor de artes de Margate é muito mais profundo do que simplesmente atrair visitantes para a cidade. Qualquer mudança precisa acontecer de forma cuidadosa e criativa, com o poder compartilhado entre todos, e através de uma série de intervenções também lideradas pela população local.

A arte muda!

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868